

# Os estudos culturais em debate

**Ana Carolina D. Escosteguy**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, pesquisadora do CNPq  
carolad@puccrs.br  
PUCRS, RS

---

## Resumo

A partir da identificação de algumas críticas aos estudos culturais que circulam no nosso meio acadêmico, em especial na comunicação, apresento, de forma bastante sintética, esse projeto intelectual, não como forma de responder diretamente a tais posicionamentos, mas com a intenção de colocar na agenda de debates da área parte de seus fundamentos, bem como sua constituição teórica e metodológica. Isto porque, ainda, é escassa a discussão e o conhecimento de tal tradição entre nós comparada à crescente citação dos mesmos. Portanto, a autora considera que o desconhecimento desse programa de pesquisa contribui para que se cristalizem críticas quando nem todas se sustentam.

A partir da identificação de algumas críticas aos estudos culturais que circulam no nosso meio acadêmico, em especial na comunicação, apresento, de forma bastante sintética, esse projeto intelectual, não como forma de responder diretamente a tais posicionamentos, mas com a intenção de colocar na agenda de debates da área parte de seus fundamentos, bem como sua constituição teórica e metodológica. Isto porque, ainda, é escassa a discussão e o conhecimento de tal tradição entre nós. Dada à extensão e variedade dos estudos culturais, destaco sempre suas contribuições para o campo da comunicação. Além disso, remeto-me em especial à tradição britânica dos mesmos. Este esforço não se pretende exaustivo nem conclusivo sobre a matéria, mesmo porque não há espaço para isso.

Desenvolvo este texto a partir do posicionamento do argentino Roberto Follari (2002) porque condensa diversas objeções aos estudos culturais e nomeia autores bastante conhecidos no nosso contexto<sup>1</sup>. Sua crítica recai sobre os estudos culturais latino-americanos<sup>2</sup> que, na sua opinião, são uma versão dos estudos culturais norte-americanos e não, dos ingleses que, na sua origem, estavam assentados num marxismo heterodoxo. Neste caso, é inevitável a resposta. Como o próprio Follari reconhece, trabalham nesse espaço teórico, por exemplo, Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini. Se no primeiro identificamos marcas dos estudos culturais, estas dizem respeito à incorporação no seu texto maior, *Dos meios às mediações* (1997)<sup>3</sup>, de elaborações conceituais de Raymond Williams e, em menor medida e distinta posição dentro do arcabouço teórico construído nesse momento, da pesquisa clássica de Richard Hoggart, *As utilizações da*

---

<sup>1</sup> Entre os autores nomeados estão: García Canclini, Martín-Barbero, Renato Ortiz "ou - de forma menos paradigmática - Martin Hopenhayn e Beatriz Sarlo" (FOLLARI, 2002, p. 51). No contexto anglo-americano, uma crítica equivalente a de Follari seria, por exemplo, a de Jameson (1994), na medida em que se refere a autores importantes naquele contexto. Se a produção intelectual desses últimos fosse conhecida entre nós - por exemplo, Lawrence Grossberg, Graeme Turner, David Morley, Patrick Bratlinger, David Harris, entre outros - esta seria outra opção para construir este texto.

<sup>2</sup> A partir daqui citados como ECL, bem como estudos culturais através de EC.

<sup>3</sup> Para facilidade do leitor, indico, sempre que possível, as traduções em português das obras citadas.

*cultura* (1973). De forma resumida, a abordagem das mediações revela uma associação com o culturalismo já que assume a experiência – o terreno do vivido – como espaço primordial de pesquisa. A adesão a esse posicionamento não tem correspondência direta e simples com os estudos culturais norte-americanos dado que este é existente, também, na vertente britânica. No entanto, em alguns casos de estudos culturais norte-americanos, a experiência não é limitada pela estrutura social vigente.

No caso de Canclini, indica-se que, num primeiro momento, a influência de Bourdieu e Gramsci fundamenta o fio condutor de sua análise e é bastante recente sua aproximação ao trabalho de George Yúdice, inserido no contexto citado, embora distanciado do que é usualmente entendido como estudos culturais norte-americanos. A crítica redutora e simplória limita tal área ao politicamente correto, a uma visão extremamente positiva do sujeito e de sua capacidade de ação social e, de modo geral, o autor citado não é incluído na lista dos representantes dessa vertente de estudos.

Vale a pena esclarecer que Yúdice (2004) solicita a integração de um olhar sobre a cultura - portanto, acrescentando ao seu valor simbólico - como recurso, incorporando nessa noção sua potencialidade de gerar desenvolvimento econômico e inclusão social. Assim, é um dos responsáveis pela atual posição de Canclini de refletir e pesquisar sobre a profunda integração entre o circuito cultural, o circuito econômico e a realidade política. No entanto, essa mesma articulação já era percebida em formulações anteriores do autor. Assim, é no mínimo apressada a justaposição entre latino-americanos e norte-americanos sobre a questão.

Na seqüência, Follari (2002, p.7) destaca que as temáticas da linha de pesquisa latino-americana são a “celebração das novas tecnologias, aceitação dos efeitos da TV e pretensão de interdisciplinaridade”. Na verdade, não temos aí meras temáticas! O que confunde um leitor desavisado é a qualificação de tais objetos de estudo, pois se destaca o viés de abordagem dos mesmos. E é nessa direção que, novamente, não concordamos com a generalização. Além disso, a questão da interdisciplinaridade é de uma outra ordem. Trata-se de uma questão metodológica, portanto, tematizada de modo diferente das demais.

Reforçando sua linha de pensamento, observa que os ECL operam em fusão e identificação com seu próprio objeto de análise, portanto, tornaram-se eles próprios partidários do consumo, assumiram posições *light* e tornaram a cultura um expediente para sua própria celebração. Acusa os ECL de proliferação generalizada da retórica em detrimento da análise empírica e de livre reflexão sobre as regras e exigências da construção do discurso científico. Portanto, em relação a este último aspecto, não aceita as epistemologias pós-modernas mais relativistas, pois não concorda em reduzir o discurso científico ao patamar de narrativas múltiplas porque é abrir mão da universalidade do saber. Sobre a realização ou não de pesquisa empírica, destaca-se que esse aspecto é também motivo de crítica, em outros autores, ao contrário. Ou seja: os estudos culturais, sobretudo, aqueles desenvolvidos nos 70 e 80, reúnem um conjunto de trabalhos “localistas” e “particularistas” que revelam dados de uma realidade contextual característica de um determinado território, ou seja, próprios de uma realidade cultural britânica onde passa a ser difícil estabelecer conexões através de tais particularidades e entre elas (REYNOSO, 2000).

Acusa, ainda, os ECL de desaparecimento do sócioeconômico em detrimento do cultural, ou seja, tudo se transforma em textual e são abolidos da análise as relações de propriedade e interesses econômicos sobre os quais se sustenta a circulação de informação. Na verdade, esse autor apenas reedita a crítica e o debate

travado entre a economia-política da comunicação e cultura, exemplificados pelas trajetórias de Nicholas Garnham, Peter Golding e outros pesquisadores, e os estudos culturais<sup>4</sup>.

O trabalho de Canclini não pode ser exemplo da prática citada por Follari, nem mesmo o de Martín-Barbero, embora neste último não exista ênfase numa economia-política da comunicação. Por outro lado, desconhecer a tentativa de Raymond Williams na elaboração da problemática do materialismo cultural, bem como seu estudo comparativo da exploração privada e pública da televisão, faz tábula rasa do esforço existente nesse sentido de dentro mesmo dos estudos culturais. Além, é claro, de movimento mais recente onde autores contemporâneos almejam uma conexão mais forte entre estudos culturais – centrados mais numa análise teórica e de crítica cultural – e intervenção política<sup>5</sup>.

No que diz respeito ao contexto latino-americano, Follari insiste que, na atualidade, a América Latina necessita constituir um pensamento crítico, dado a “ditadura generalizada dos mercados” e enfrentar o neoliberalismo. Ao invés disso, os ECL se ocupam com temáticas como identidades e textualidades. Salienta, no entanto, que estas são importantes desde que não se abandone suas referências ao socioeconômico. Novamente, a indicação dos trabalhos de Canclini, como *Consumidores e cidadãos* (1995), *La globalización imaginada* (1999) e *Diferentes, desiguales y desconectados* (2004), não podem ser utilizados para exemplificar essa obliteração.

Apesar de Follari reconhecer nos ECL um aspecto diferencial nos objetos de estudo e na forma de estudá-los, afirma que isto não implica originalidade a partir de nosso subcontinente. Não considera que essa suposta “origem latino-americana” seja uma virtude a reclamar até mesmo porque não é possível encontrar o ponto de início em estado puro. De modo geral, os autores citados não reivindicam isso, apenas reforçam que seu posicionamento e reflexão diz respeito às particularidades da América Latina.

É nesse sentido que já reivindicamos (ESCOSTEGUY, 2001) que o pensamento de Martín-Barbero e García Canclini, representantes-chave dos estudos culturais latino-americanos, compõem um caso de recriação de uma abordagem teórico-metodológica que revela sua fecundidade dando conta de situação distinta da qual nasceu – considerando-se em especial a narrativa dos estudos culturais britânicos.

Tomando como ponto de partida que nem todo estudo sobre cultura é sinônimo de EC – com o qual concordamos, Follari utiliza o exemplo de Canclini em *Culturas Híbridas* (1989) para ilustrar essa vertente. Ressalta, especialmente, a concepção de hibridismo por seu valor heurístico para tratar de fenômenos de misturas culturais, bem como o tratamento das identidades não como idéia unívoca, mas cambiante e em permanente construção. Defende que toda identidade precisa de ancoragem e que, em nenhum caso, pode ser absolutamente flutuante. O livro citado, através de investigações empíricas e num contexto histórico específico, indica as peculiaridades latino-americanas o que situa sua interpretação sobre as contradições de nossa modernização e configuração das identidades culturais.

---

<sup>4</sup> No Brasil, Sergio Capparelli reinterpreta esse debate em Economia-política e estudos culturais: a ponte necessária. In *Mídia e comunicação*, Livro da Compós, Rio de Janeiro, 1997.

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, BENNET, Tony. Towards a pragmatics for cultural studies. In McGUIGAN, Jim (org.) *Cultural Methodologies*. Londres, Sage, 1997; CUNNINGHAM, Stuart. Cultural studies from the point of view of policy. In TURNER, G. (org.) *Nation, Culture, Text – Australian Cultural and Media Studies*. Londres, Routledge, 1993.

De outro lado, critica a ausência, nesse mesmo livro, de aprofundamento teórico sobre trans e interdisciplinariedade, modernidade e pós-modernidade, dizendo que tais noções são tratadas tangencialmente, questões permanentemente referidas, mas não tematizadas de forma sistemática. Na verdade, esse não é o foco do livro, isto é, a “questão de método” em si mesma não é problematizada em profundidade porque não é o objeto desse texto, embora esteja revelada ao longo da pesquisa. Além disso, destaca o esvaziamento da referência a uma identidade nacional em prol de um referente híbrido transnacional o que não lhe parece pertinente. Aqui, sim, poderia residir um aspecto a criticar, se este aparecesse de forma mais expandida e melhor fundamentada.

Considera, em contraste com a posição de Canclini, que a reflexão de Renato Ortiz, em *Mundialização e cultura* (1994), é muito melhor estruturada, tem mais rigor metodológico – embora o método em si, também, não seja discutido no livro - e mostra a base econômica das novas modalidades culturais como componente decisivo e inequívoco de tal configuração. Assinala, ainda, que tal reflexão se localiza mais nas transformações das sociedades do que nas subjetividades e que estas últimas dependem daquelas. No entanto, em Canclini, a temática da cultura aparece autonomizada e o político perde a centralidade. “O abandono do estrutural resulta num obstáculo que impossibilita uma análise suficiente da dimensão política como constitutiva dos fenômenos micro que são analisados pelos EC” (2003, p. 103).

Sobre as políticas de gestão cultural, destaca mais o trabalho de Martín-Barbero - justamente o que é menos conhecido entre nós, não mencionando as inúmeras proposições de Canclini<sup>6</sup>-, compondo um esforço concreto de intervenção sobre a atividade cultural na Colômbia e reconhecendo que, através dessa dimensão, é possível recuperar a inspiração inicial dos EC – perdida na versão norte-americana. O autor se esquece de mencionar que tal abordagem sobrevive tanto na vertente inglesa quanto na australiana<sup>7</sup>.

Destaca os trabalhos de Martín-Barbero, da década de 80, na medida em que ainda pretendiam uma reconstrução cuidadosa do espaço popular. Aí se encontram os maiores ganhos porque não há celebração nem exaltação dos meios, mas a busca da consciência popular e sua conformação.

E, ainda, outra faceta criticada trata da ênfase na noção de recepção ativa que leva a desconsiderar ou dar pouco peso ao tema da emissão e da propriedade dos meios. Entendo que esta é uma das críticas de maior reconhecimento público, embora nem sempre bem fundamentada. A maior parte das vezes desconhecendo a própria trajetória da temática dentro do desenvolvimento dos estudos culturais<sup>8</sup>.

Sobre a propriedade dos meios, identifica em Canclini uma denúncia da hegemonia dos EUA na circulação dos bens simbólicos, bem como a colocação desprivilegiada da produção cultural latino-americana nos mercados internacionais. Mesmo assim, qualifica esse posicionamento de vacilante, pois não o toma como objeto central. Enfim, denomina os estudos culturais latino-americanos como “teoria débil”, derivando daí conformismo e academicismo.

---

<sup>6</sup> Ver, entre outros, *As culturas populares no capitalismo* (1983), *La globalización imaginada* (1999), *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo* (2002).

<sup>7</sup> Por exemplo, na Inglaterra, ver o trabalho desenvolvido por Tony Bennet, Jim McGuigan, entre outros, e na Austrália, ver as investigações de Stuart Cunningham.

<sup>8</sup> Ver, por exemplo, Escosteguy e Jacks (2005).

Aproveito para incluir, aqui, a crítica de Sodré (2005) às formulações de Martín-Barbero, reconhecido internacionalmente como um dos principais intelectuais inserido no âmbito dos estudos culturais latino-americanos. Além disso, trata-se de autor com larga circulação na pesquisa brasileira em comunicação<sup>9</sup>. Martín-Barbero, em *Dos meios às mediações* (1987), indica a formação de um novo sensorium, decorrente sobretudo da larga presença da mídia na constituição da vida social contemporânea. Nesse momento, observa a necessidade de mudar o eixo de análise e o ponto de partida da investigação, solicitando atenção para o espaço do popular. Bem mais tarde (MARTÍN-BARBERO, 1998), destaca que a experiência de um espaço-mundo, definido pela globalidade tecnoeconômica – social e culturalmente mais visível na cultura dos jovens – configura um novo modo de ser que reorganiza as identidades culturais, aprofunda as divisões sociais e diferenças culturais, bem como produz comunidades culturais sem vínculos com memórias territoriais. Em ambas, contudo, constitui o núcleo de sua reflexão em torno da comunicação e a cultura.

Sodré (2005: 17), embora reconheça que autores latino-americanos “de língua hispânica” tentem inserir a problemática da comunicação no espaço político “em busca de um sentido emancipatório, diante da hegemonia mercadológica da mídia”, ressalta que há um problema aí na medida em que essa reflexão, ainda, enfatiza o conteúdo argumentativo e crítico como se meio e forma constituíssem uma dualidade. Ocorre que, na nova racionalidade tecnológica, segundo Sodré, a forma tecnológica equivale a conteúdo, parecendo mais pautada pela dimensão do sensível do que pela razão. Portanto, para este último, há um descompasso entre a proposição e o espírito deste novo tempo, marcado pelo sensível mais do que pela razão.

Como já disse anteriormente, não cabe responder diretamente a tais críticas, embora em alguns casos tenha sido inevitável tal o grau de equívoco. Adiante, através da descrição de alguns dos pilares dos estudos culturais, pretendemos subsidiar o debate sobre qual noção de cultura e comunicação está em pauta na reflexão de Martín-Barbero, assim como de outros que, de forma fraca ou forte, se associam aos estudos culturais.

Apesar da inexistência de consenso a respeito, os EC – ou pelo menos uma vertente dentro deles – se configuram numa aproximação crítica à cultura contemporânea. Em linhas gerais, nesse tipo de abordagem, a cultura é entendida como espaço de contestação e conflito e, também, de consenso e reprodução social. Além disso, os EC caracterizam-se pelo reconhecimento da existência da ação social e pela importância dada ao contexto, ou seja, atenta-se para as especificidades e particularidades culturais articuladas a uma conjuntura histórica determinada.

No entanto, é necessário reconhecer que é a partir de Raymond Williams que uma outra noção de cultura toma corpo e passa a ser fundamental para o desenvolvimento dos EC, independente do território ou contexto nacional que esteja em questão. Essa concepção seja ela “um modo de vida global” ou “um processo social constitutivo que cria específicos e diferentes modos de vida” ressalta a inclusão do âmbito do “ordinário”, admitindo-o enquanto expressão cultural juntamente com o “extraordinário”. Em outros termos, Williams propôs tanto o reconhecimento das práticas comuns quanto das obras criativas na composição do

---

<sup>9</sup> Entre outras críticas de circulação nacional estão Alves (1996) e Dias (1994) e, a partir de dentro da própria abordagem, Cevalco (2003).

conceito de cultura. Dessa forma, o "modo de vida global" não se refere meramente a uma expansão antropológica e descritiva da definição de cultura como, aliás, é muitas vezes incorporada entre os próprios praticantes de estudos culturais. Sua concepção, embora implicasse no reconhecimento das práticas culturais populares, não pressupunha a exclusividade destas como constituintes da cultura.

No entanto, desde a abertura para a cultura ordinária, esta tornou-se foco quase exclusivo dos estudos culturais em detrimento da "outra". Se, num primeiro momento, foram a classe trabalhadora e suas práticas culturais que se transformaram em objeto de análise e discussão, mais tarde, foram substituídas pela cultura midiática e sua audiência. Grosso modo, esse movimento desembocou no nivelamento das formas culturais pela desconstrução de hierarquias, sendo que, de outro lado, as formas de produção e recepção tornaram-se mais ou menos equivalentes. Reside aí um dos problemas centrais dos estudos culturais contemporâneos: o confronto entre "populismo cultural" versus "valor cultural".

Com o intuito de legitimar uma esfera cultural antes desprezada e desconsiderada, os estudos culturais concentraram-se quase que exclusivamente na cultura dos meios de comunicação e nas formas de sua recepção, sobretudo, nas práticas populares envolvidas nesse processo. Ao invés de romper com a lógica da bifurcação entre cultura "alta" e "baixa", os EC acabaram por reproduzi-la ao contrário. Isso ocorreu, principalmente, após a descoberta de que o espaço do consumo não podia ser visto como um momento de mera passividade, mas como algo que envolvia diferentes usos e apropriações.

A questão parece ser evitar o "populismo cultural" que se exime de adentrar na discussão da "qualidade". Ou seja, é de extrema valia analisar a cultura midiática como um todo – através do circuito de produção, texto, distribuição e recepção – na medida em que sua importância é incontestável na atualidade, mas questões de valor e qualidade devem, também, compor a pauta de interesses. Em face ao relativismo cultural extremado, advogado por teses pós-modernas e por certas abordagens vigentes dentro dos estudos culturais, esta tradição deve discutir a criação de novos valores, padrões e critério – reconstituindo, talvez, seu propósito normativo.

Associado, ainda, à concepção de cultura trabalhada pelos EC, outro ponto que está sempre a merecer atenção trata do lugar que ocupa o âmbito do cultural na estrutura da sociedade. Embora este seja um ponto complexo e inesgotável, é essencial fazer um registro. Do meu ponto de vista, nas formulações de Williams as relações e mudanças econômicas não estão ausentes. Ao contrário, sua presença é assumida constantemente via a proposição do materialismo cultural. Porém, as alterações na esfera econômica são compreendidas através de seus efeitos no campo da experiência dos sujeitos, das relações vividas, e não em seus próprios termos.

Em relação à mesma temática, Stuart Hall assume a noção de articulação, que denota a junção de coisas, como central para explicar as relações entre o simbólico e o econômico. Contudo, o conceito de articulação não descreve simplesmente uma combinação de forças como poderia parecer à primeira vista, mas uma relação hierárquica. Assim, essa articulação de forças esteve associada a idéia de "estruturação com dominância", pelo menos num determinado período da reflexão desse autor.

Trabalhando numa brecha aberta entre o textual e o social, muitas vezes o trabalho de Hall tende a ser compreendido como centrado no discursivo. Porém, ele posiciona-se, pessoalmente, contra a atual tendência à textualização dos EC e ao seu próprio enquadramento dentro de uma perspectiva desse gênero. Não só levando em conta suas próprias explicações, mas sua produção teórica, pode-se concluir que a análise de Hall dá proeminência às práticas culturais, simbólicas e discursivas; que as questões de poder e política têm de ser e são sempre alojadas dentro de representações e, embora a textualidade seja central, não é suficiente para a compreensão da cultura. Dessa forma, há indícios de que Hall não se satisfaz com formas de análise que ignorem as materialidades do poder e da desigualdade.

A preocupação com o âmbito da recepção – gerada, sobretudo, a partir da implementação do modelo da codificação/decodificação, proposto por Hall – nos EC levou à revisão do espaço do consumo. Ao pressupor diferentes usos e apropriações que ocorrem nesse lugar, acentuou-se a existência de um receptor com uma certa independência para interpretar as mensagens. Assim, quanto mais independente o receptor, mais fraco e frágil é o poder da ideologia. Nesse movimento, a perspectiva como um todo foi perdendo a capacidade de observar a reprodução social.

Algumas das observações acima podem servir para fundamentar a idéia de que os EC não estão pré-determinados por um paradigma e não compõem uma disciplina específica. Eles não se deixam enclausurar numa definição essencialista que aponte para uma narrativa teórico-metodológica única e homogênea. Isso vale tanto para a vertente britânica como para uma possível perspectiva latino-americana. A “unidade na diferença” identificada entre os considerados “pais fundadores” da primeira replica-se, também, na relação de Stuart Hall e outros praticantes dos estudos culturais britânicos, bem como entre Martín-Barbero, García-Canclini, Renato Ortiz, Beatriz Sarlo, entre outros latino-americanos. Sendo assim, é uma exigência conhecer tais trajetórias intelectuais individualmente, antes de assumir uma crítica genérica e inconsistente.

## Referências

- ALVES, L. R. 1996. Uma relação ainda incômoda: os estudos culturais e a cultura brasileira. *In*: LOPES, Maria Immacolata V. de (org.). *Temas contemporâneos da comunicação*. São Paulo, Intercom/Edicon, p. 235-241.
- BENNET, T. 1992. Putting policy into cultural studies. *In*: GROSSBERG, L., NELSON, C. e TREICHLER, P. (orgs.). *Cultural Studies*. Nova York, Routledge, p. 23-35.
- CEVASCO, E. 2001. *Para ler Raymond Williams*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- CEVASCO, E. 2003. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo, Boitempo.
- CUNNINGHAM, S. 1993. Cultural Studies from the point of view of policy. *In*: TURNER, G. (org.). *Nation, Culture and Text – Australian Cultural and Media Studies*. Nova York, Routledge, p. 126-139.
- DIAS, F. C. 1994. Estudos culturais no Brasil: A tradição sociológica. *Sociedade e Estado*, **VIII**(1/2):9-28.

- ESCOSTEGUY, A. C. D. 2003. Os Estudos Culturais e a constituição de sua identidade. In: GUARESCHI, Neuza e BRUSCHI, Michel (org.) *Psicologia social nos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes.
- ESCOSTEGUY, A. C. D. 2001. *Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte, Autêntica.
- ESCOSTEGUY, A. C. e JACKS, N. 2005. *Comunicação e recepção*. São Paulo, Hacker Editores.
- FOLLARI, R. 2002. *Teorías débiles (para una crítica de la deconstrucción y de los estudios culturales)*. Rosário, Homo Sapiens.
- GARCÍA CANCLINI, N. 1989. *Culturas híbridas - Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México, Ed. Grijalbo.
- GARCÍA CANCLINI, N. 2004. *Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la interculturalidad*. Barcelona, Gedisa Editorial.
- JAMESON, F. 1994. *Sobre os 'Estudos de Cultura'*. *Novos Estudos Cebrap*, 39, p.11-48.
- MARTÍN-BARBERO, J. 2004. *Ofício de cartógrafo*. São Paulo, Loyola.
- MARTÍN-BARBERO, J. 1998. De la comunicación a la filosofía y viceversa: nuevos mapas, nuevos retos. In: TOSCANO, M. e REGUILLO, R. (orgs.) *Mapas noturnos – Diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá, Fundación Universidad Central.
- REYNOSO, C. 2000. *Apogeo y decadencia de los estudios culturales*. Barcelona, Editorial Gedisa.
- SODRÉ, M. 2005. Logos e phatos, a razão e a paixão no espaço conceitual da comunicação e das novas tecnologias. In: CAPPARELLI, S. SODRÉ, M. e SQUIRRA, S. (orgs.) *A comunicação revisitada*. Porto Alegre, Sulina.
- WILLIAMS, R. . 1993 [1958]. Culture is ordinary. In: GRAY, Ann e McGUIGAN (orgs.). *Studying Culture - An Introductory Reader*. London/New York:Arnold, p. 5-14.
- YÚDICE, G. 2004. *A conveniência da cultura – usos da cultura na era global*. Belo Horizonte, UFMG Editora.